

É NA LINHA DO HORIZONTE QUE ESTÃO OS MEUS PÉS

REFLEXÃO SOBRE O TRABALHO DE VIRGÍLIO NETO

Há algo de espontâneo e despretenso quando primeiro consideramos os trabalhos de Virgílio Neto. Desenhos de feitiços diferentes – dos mais detalhistas e minuciosos registros de observação até silhuetas esquemáticas apenas esboçadas – preenchem folhas e convivem com palavras ou frases soltas na forma de anotações singelas. Em um primeiro momento, não parece haver unidade de escala, uma perspectiva única ou uma ordenação lógica dos diferentes elementos flutuantes que povoam essas superfícies que ora compartilham um mesmo plano, ora se sobrepõem.

O que firma essa constelação de motivos é a sua experiência individual em um dado momento e lugar: trata-se de uma transposição intuitiva de pensamentos e sensações fugidios mesclados à elementos visuais que captaram a sua atenção. Expondo esses pedaços de folhas, por vezes rasgados, parece que Virgílio Neto nos dá a ver a intimidade de seus cadernos de anotações, páginas arrancadas desse canteiro de ideias, recinto onde elabora seus devaneios gráficos. Nos tornamos assim cúmplices indiscretos desses desenhos-confissões, vislumbrando as músicas, obras, emoções que o atravessam e revelam os objetos que o rodeiam.

Apesar da recorrência dessas figuras e temas por entre as páginas, esse pacto se esvai uma vez que o conjunto permanece na condição de enigma, uma charada espacializada que não se deixa atribuir sentido unívoco. Desnortado pela profusão de pequenos detalhes acumulados, o olho escruta cada pequeno detalhe desse palimpsesto subjetivo, na busca de um semblante de resposta. O papel torna-se um receptáculo para distintas camadas de sentidos perdidos, cuja incongruência se faz sentir nos intervalos deixados em branco por entre as diferentes figuras solitárias e palavras órfãs.

Mas talvez seja precisamente essa opacidade que Virgílio renova em cada desenho, delineando uma nova pergunta e assentando o mistério que a circunda. Parece que a cada página em branco, ele encara a melancolia diante desse vazio que precede a promessa de um desenho por vir. A repetição desse exercício aparece assim como uma resistência à perda dos pensamentos fugazes e os rastros de seu olhar divagante, em um esforço para perpetuar uma paisagem mental e um presente em fuga.

OLIVIA ARDUI

Junho 2016